



PIANO E A ENXADA – DIGRESSÕES SOBRE O CONTO DE BERNARDO ÉLIS

Wagner de Campos Sanz¹

Quando se trata de pintores, uma perspectiva equivocada indica um criador deficiente. Quando se trata de um escritor, pinceladas exageradas ou demasiado lacônicas confundem ou destroem aquele que era o efeito pretendido pelo autor. Há uma personagem de B. Élis que suscita a questão da adequação. Piano, o negro que tinha uma dívida, enlouquece e morre por não ter arranjado uma enxada. O conto *A Enxada* faz parte do volume *Veranico de Janeiro, 1966*.²

A paisagem humana e geográfica que Élis plasma no conto dá uma ideia da vida em Goiás no século passado. Se Élis é um ficcionista, os quadros que pinta não são meramente obra de sua imaginação, eles correspondem a um passado concreto. Nesse conto vemos engrenagens de um moinho social que pulverizará Piano. O “otomove” (automóvel [sic]), formado pela viúva montada sobre o filho abobado, a mendigar pelas ruas, é apenas o fecho do horror. O conto termina com o “otomove” em fuga e algu ém pergunta: “– Será que é medo de soldado?” (Bernardo Élis, 2005, p. 98).

A sociedade goiana ainda hoje é marcadamente de tradição rural. No campo político o passado foi de domínio de poucos terratenentes. A vida girava em torno

² Tomamos por referência a publicação *Bernardo Élis – Melhores Contos*, organizado por G. M. Teles, Editora Global, 3. ed., 2005, p. 73-98.

¹ Professor adjunto da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás.
E-mail: <wagnersanz@gmail.com>.

dessa armadura econômica e cultural ligada à terra ainda nos anos 60. Se os estudos acadêmicos-universitários debulharam a história do coronelismo nesse passado, foi a pena do escritor sagaz que nos ofereceu o quadro de compreensão para essa forma de vida e de cultura.

Considerando o personagem Piano e o contexto coronelístico, podemos, de forma simples e direta, propor a questão que nos move a escrever esse ensaio-crítica: quis Élis pintar um personagem covarde? Alguns ficarão horrorizados com a pergunta e dirão que o autor deste ensaio não entendeu o conto. Não se trataria de representar um covarde, mas de representar as engrenagens da vida econômica e política de uma pequena comunidade sob o mando de um terratenente arbitrário.

Aristóteles pode ter sido um dos primeiros a considerar os efeitos da obra de arte sobre o público, o problema da *catarse*. Neste ensaio o foco é similar, traçar paralelos entre o efeito que as personagens de Élis causam e o efeito que ele pretendeu causar. O efeito do conto surgiria, segundo a interpretação aludida, da piedade por Piano e pelo seu sofrimento junto com o ódio ou desprezo pela situação injusta e brutal que lhe impingem o delegado, o capitão Elpídio e os soldados. Supriano havia contraído dívida com o delegado e, ao não conseguir pagá-la, fora vendido como força de trabalho a Elpídio. Seres humanos costumam lutar por suas vidas. Eventualmente, nessa faina, submeter-se ao arbítrio de outrem pode ser necessário. No conto vemos Piano submeter-se, inúmeras vezes, inclusive com o sofrimento do próprio corpo.

O conto começa com a visita de Supriano a um vizinho chacareiro remediado. O autor faz questão de dizer que Piano não aceita o convite para almoçar explicando a recusa: “Na sua lógica, achava que se aceitasse a comida,

seu Joaquim achava bem pago o serviço da arrumação do capado e não ia emprestar-lhe a enxada” (idem, p. 74). Essa enxada era essencial para fazer o plantio de arroz para o capitão Elpídio como forma de pagamento e libertação. Perceba-se que a recusa ao concite não se deu por questão de orgulho. Muitos seres humanos costumam possuir um mínimo de orgulho e de se atribuir um mínimo de dignidade. Aqueles que os têm também lutarão por suas vidas e, quando se submeterem, o farão dentro de limites. Mas se a perda da própria vida parecer incontornável haverá luta.

Ler o conto de Élis foi uma viagem a outra cultura. Simplesmente, o personagem de Élis nunca reage. Confesso que não pude sentir pena. O próprio autor oferece algumas justificativas para a falta de reação de Piano: “Devia ao delegado porque ninguém era homem de acertar contas com esse excomungado” (idem, p. 76). Mas a justificativa não é suficiente para explicar a obstinação de Piano em plantar a roça de arroz do capitão Elpídio. Essa que acabamos de mencionar aparece ao começo do conto e não envolve diretamente o capitão, o verdadeiro algoz. Não estamos julgando Piano, isso não faria sentido. Estamos julgando Élis ou, pelo menos, buscando descobrir por que na paisagem de Élis existe um Supriano. Que outras razões textuais podem ser encontradas para a falta de reação de Piano? Piano muito bem poderia reagir com o simples roubo da enxada, uma opção razoável.

A alternativa de roubar a enxada vem contemplada pelo autor na página 78: “[Dos Anjo] Estava pubando na cadeia por causa de um cubu [sic] de enxada que diziam ter ele furtado”. A essa são somadas mais algumas justificativas que demonstram, por comparação, o que poderia ocorrer a Piano e, assim, constituem razões da

inviabilidade do roubo. No entanto, a opção de não roubar a enxada só faz sentido para quem acredita que permanecer vivo e livre é melhor que permanecer vivo e preso. Todavia, se as alternativas forem diferentes entre morrer ou permanecer vivo, mas preso, seria razoável roubar a enxada. Desse modo o roubo estaria justificado. A única razão para que o personagem não roube a enxada é a de que ele tenha sido construído de tal forma que não estava em seu horizonte a possibilidade de punição intencional com a morte. Há razões para assumir esse ponto de vista, veremos as razões em breve.

Élis não está isento de cometer equívocos. Fica bem claro que ele tinha paixão pelo linguajar regional, e com boas razões. Há uma rede de conexões tênues e complexas entre as formas de comunicação de um povo, sua cultura e seu modo de vida. Porém, nosso autor-narrador frequentemente usa expressões regionais e, às vezes, algumas corruptelas que estão francamente associadas ao conhecimento precário do português. Assim, ao ler os romances e contos, por vezes temos a impressão de estar lidando com um narrador com dupla personalidade: hora é o letrado, hora é o caipira. Nesse sentido, Guimarães Rosa obteve efeito melhor ao delegar o papel de narrador a um personagem em sua obra principal, embora, por contraste, somente o maneirismo linguístico de Élis seja autêntico.

Voltemos à questão que nos interessa no ensaio, o problema da covardia ou não de Piano. Uma possibilidade é que Élis tenha errado nas tintas com que pintou Piano. Se era para se apiedar, exagerou, quase provoca desprezo. Do meio para o fim do conto, outras passagens contribuem a explicar a falta de reação do personagem: “Fome, incompreensão, cansaço, dores nas munhecas que o sedenho cortou fundo, ardume das lapadas de sabre no lombo, revolta inútil, temor de tantas ameaças e nenhum vislumbre de socorro – tramelaram a boca de Piano” (idem, p. 84).

Conforme vínhamos dizendo, Piano expressar-se-á sem revolta, depois de ser duramente admoestado pelo capitão. Ele submete-se de novo: “Sou honrado capitão. O que devo, pago. Mas em antes preciso de enxada mode plantar” (idem, p. 85). Sinceramente, em certo ponto é pouco ser honesto e desejar a consideração dos outros; é preciso ter sangue nas veias, ao menos quando a morte ou o sofrimento absurdo se fazem concretos. No fim do prazo concedido, Piano enlouquece, busca plantar a terra com as mãos nuas ... e um pedaço de pau. Piano suspeita que os guardas virão. O narrador nos diz algo: “De novo o silêncio devorou o passo pesado, cambaleante e inseguro de Piano que levou o segundo saco de sementes para plantar, antes que

o sol despontasse, antes que seu Elpídio despachasse os soldados para espancar Piano, humilhá-lo, machucá-lo e afinal jogar no calabouço da cadeia para o resto da vida como um negro criminoso” (idem, p. 92). A narração parece ser uma exposição dos pensamentos de Piano, embora um pouco inepta, pois começa com a descrição dos passos cambaleantes do personagem. Não é a descrição de uma ação, pois refere eventos futuros que não ocorrem.

Efetivamente, Piano tem razões para acreditar que Elpídio o mandará para a prisão. Além disso, não há evidência textual de que ele tivesse razões para temer sua morte. Elpídio dissera-lhe: “Olha aqui, Piano. Hoje é dia onze. Até dia treze, se ôce num tiver plantado meu arroz, esses dois soldados já tão apalavrados. Vão te trazer ocê debaixo de facão, vão te meter ocê na cadeia que é pra sair nunca mais” (idem, p. 85). Também não existe evidência textual de que Elpídio tivesse posteriormente decidido matar Piano ao invés de aprisioná-lo. Com efeito, a narrativa do autor não deixa muitas dúvidas acerca do ato de mirar e atirar. No meio da chuva, na manhã embaciada, o soldado aponta o fuzil a Supriano, ele tem uma cara inchada de ruindade, passos asquerosos de coisa-ruim. Nada no texto indica que o ato de atirar derivasse de ordem do capitão. A hipótese mais plausível é que o autor intencionava que ela fosse de impulso do soldado, ou do coisa-ruim.

Mas se é impulso do soldado, Élis bem poderia ter se alongado mais sobre o assunto. Que o soldado apareça como algo nefasto fica claro, quais seriam as razões para ele atirar fica obscuro. A impressão é a de que o autor substituiu o desenvolvimento da narrativa pela crença mística numa espécie de compreensão empática usando para isso um construto típico da mentalidade religiosa do povo da terra: coisa-ruim, capa preta, carniça, etc. O corpo quente que lá está para ser possuído, quando segura uma arma. A bem da verdade, há quatro páginas que sucedem a morte do personagem. Elas contam alguma coisa. Seria por exagero que Élis teria adicionado o espetáculo deprimente do “otomove” à desgraça já apresentada?

Sem razão aparente ou, ao menos, sem explicação aparente por parte de Élis, o soldado matou Piano. Em nenhum momento se fala de ordem do capitão para esse fim. A brutalidade pode ser interpretada como completamente gratuita. Não há indício textual de que Piano temesse a morte, pelo simples fato de que isso não estava no horizonte do personagem. Desse modo, se ele não reage é

porque, podemos dizer, ele encontrava-se frente à alternativa viver livre ou viver preso. Nesse caso, não poderíamos dizer peremptoriamente que ele era covarde, respondendo assim a pergunta que deu origem a este ensaio-crítica. Todavia, o personagem ainda é alguém que não reage e, portanto, objeto apenas de alguma pouca pena.

Culturas diferentes podem reagir de modo diferente frente a uma mesma situação narrativa. Creio que para muitos brasileiros sentir pena de Supriano poderia ser natural. Mas isso não vale de modo universal. Teria sido esse efeito uma das preocupações centrais do autor? Se Élis construiu a personagem tentando provocar um efeito catártico em seus leitores pela conjunção de pena por Piano e ojeriza pelo capitão, então ele errou na mão. O efeito não será universal. Não é possível respeitar aquele que sempre se submete. Mas resta uma outra possibilidade de interpretar a estrutura do conto. Falávamos acima da qualidade do artista-paisagista. Seria Élis apenas um exagerado?

Chama muito a atenção o fato de que o conto só termina quatro páginas depois da morte de Supriano. Essas páginas adicionais terminam com a sugestão de que o “otomove” fugira por causa da aproximação de um cabo e um praça. Eu prefiro pensar que a intenção principal do autor talvez não fosse a de causar demasiada pena pelos sofrimentos de Piano e em seguida dos seus familiares. Eu prefiro pensar que o autor queria apontar a disponibilidade do corpo quente que segura uma arma a uma espécie de possessão bestial. No meio do inferno da vida de Supriano, o último que lhe ocorre é o diabo puxar o gatilho. Essa hipótese tem a vantagem de dar sentido à menção da fuga por medo dos soldados no fim do conto. Aliás, assim daríamos sentido e organicidade às quatro páginas compondo um quadro da festa do Divino e terminando na fuga do “otomove” com o resto do conto.

Esses dias eu lia a página de internet do Ministério do Trabalho sobre o problema do trabalho escravo. Nos estados de Goiás e Tocantins, de 2004 a 2010, 37 empregadores rurais foram autuados e adicionados ao cadastro. Parece-me que a situação de mão-de-obra escrava não se explica só pela cupidez e o poder de alguns e a miséria de muitos. Existem Suprianos que não reagem. Talvez não entendam o mundo, querem apenas ser considerados honestos. Ficamos com a hipótese mais simples para a questão levantada nesse ensaio. Queremos crer que Élis só pretendeu pintar um quadro completo da situação humana que vivenciou, inclusive com as cores místicas do povo da terra.